

A História Oculta do Verso Quarenta - Número Vinte e Um

O Segundo Ai — Parte Oito — Ezequiel Número Dois

Jeff Pippenger

2026-08-05

Ezequiel representa aqueles para quem foi realizada uma obra de instrução pelo Leão da tribo de Judá, e Sua instrução fundamental é “mandamento sobre mandamento”.

Aos quais ele disse: Este é o descanso com que fareis descansar o cansado; e este é o refrigério; contudo, não quiseram ouvir. Mas a palavra do Senhor lhes foi preceito sobre preceito, preceito sobre preceito; regra sobre regra, regra sobre regra; um pouco aqui, um pouco ali; para que vão, e caiam para trás, e sejam quebrantados, e enredados, e presos. Isaías 28:12, 13.

Atualmente, o Leão da tribo de Judá está abrindo o livro de Ezequiel. Somos informados de que Ezequiel é um sacerdote no trigésimo ano, quer “trinta” represente a sua idade simbólica como sacerdote, quer represente o trigésimo ano na linha profética que começou no Grande Jubileu de Josias. O sacerdócio final dos últimos dias é o dos cento e quarenta e quatro mil, e as antigas histórias literais tipificam uma história simbólica nos últimos dias.

Mas vós sereis chamados Sacerdotes do Senhor; homens vos chamarão Ministros do nosso Deus; comereis as riquezas dos gentios, e na sua glória vos gloriareis. Isaías 61:6.

Ezequiel é um símbolo do povo de Deus nos últimos dias — a história sagrada que todo testemunho profético identifica. Essa história sagrada é o movimento do terceiro anjo, o qual foi especialmente tipificado pelo movimento do primeiro anjo em 1840. O movimento do primeiro anjo foi o anjo alfa dos três anjos, e o terceiro é o anjo ômega. Ezequiel, portanto, está alinhado com Pedro no tempo do selamento dos cento e quarenta e quatro mil. A história simbólica em que tanto Pedro quanto Ezequiel se encontram é representada como a história de Pânio.

O Livrinho

Ezequiel toma o livrinho, como também o fez João em Apocalipse dez.

Mas tu, filho do homem, ouve o que eu te digo; não sejas rebelde como aquela casa rebelde; abre a tua boca e come o que eu te dou. E, quando olhei, eis que uma mão se estendia para mim; e, eis que nela estava um rolo de livro; e ele o estendeu diante de mim; e estava escrito por dentro e por fora; e nele estavam escritas lamentações, e pranto, e ais. Disse-me mais: Filho do homem, come o que achares; come este rolo e vai, fala à casa de Israel. Então abri a minha boca, e ele me fez comer aquele rolo. E disse-me: Filho do homem, faze o teu ventre comer e enche as tuas entranhas com este rolo que eu te dou. Então o comi; e na minha boca era doce como o mel. Ezequiel 2:8–10, 3:1–3.

Em Apocalipse 10, João come o livrinho, e todo o capítulo representa a manifestação do poder de Deus desde 11 de agosto de 1840 até 22 de outubro de 1844.

“O anjo que se une na proclamação da mensagem do terceiro anjo há de iluminar toda a Terra com a sua glória. Aqui é predita uma obra de extensão mundial e de poder incomum. O movimento adventista de 1840–44 foi uma gloriosa manifestação do poder de Deus; a mensagem do primeiro anjo foi levada a toda estação missionária do mundo, e, em alguns países, houve o maior interesse religioso que se tem testemunhado em qualquer terra desde a Reforma do século dezesseis; mas tudo isso será superado pelo poderoso movimento sob a última advertência do terceiro anjo.” O Grande Conflito, 611.

Ezequiel está alinhado com João no capítulo dez de Apocalipse, de modo que Pedro, João e Ezequiel permanecem juntos em seu lugar designado durante o tempo do selamento dos cento e quarenta e quatro mil.

1840 a 1844 representa um período de quatro anos que começou quando a profecia de tempo, que se iniciara com um período de cento e cinquenta anos em 27 de julho de 1299. Esses “cinco meses” terminaram e se uniram à profecia de tempo de trezentos e noventa e um anos e quinze dias, a qual se concluiu em 11 de agosto de 1840, quando a gloriosa manifestação do poder de Deus foi manifestada até 22 de outubro de 1844. Então cessou a aplicação do tempo profético.

E jurou por aquele que vive para todo o sempre, o qual criou o céu, e as coisas que nele há, e a terra, e as coisas que nela há, e o mar, e as coisas que nele há, que já não haveria demora. Apocalipse 10:6.

O tempo profético terminou como aplicação válida da profecia em 22 de outubro de 1844. Ezequiel, Pedro e João representam, cada um, as virgens prudentes de Deus no movimento do primeiro e do segundo anjos, bem como no movimento do terceiro anjo.

Visões

Os primeiros “onze” capítulos de Ezequiel apresentam uma série de “visões”, conforme exposto no versículo um do capítulo um.

E sucedeu no trigésimo ano, no quarto mês, aos cinco dias do mês, estando eu no meio dos cativos junto ao rio Quebar, que se abriram os céus, e eu tive visões de Deus. Ezequiel 1:1.

As “visões” dos primeiros onze capítulos foram primeiramente dadas no capítulo um junto ao rio Quebar; depois, foram ampliadas na visão do capítulo três, na “planície”; e, novamente, na visão do capítulo oito, em Jerusalém. Os três locais — o rio Quebar, a planície e Jerusalém — representam três visões que, juntas, constituem uma só visão, a qual são as “visões” do versículo um e dos primeiros ‘onze’ capítulos.

Jubileu

Considerar o trigésimo ano como o trigésimo ano do ciclo do Jubileu que começou na célebre Páscoa de Josias e então terminou em 22 de outubro é algo facilmente sustentável, pois essa linha

específica da história sagrada é retratada distintamente, linha sobre linha, com mais de uma testemunha. Como exemplo: a Páscoa representa as festas da Primavera, e o dia da expiação representa as festas do Outono. Levítico vinte e três está, portanto, alinhado com o ciclo do Jubileu que começou com Josias. Há outras linhas que se alinham com a história representada pelo rei Josias até 22 de outubro de 573 a.C. O cumprimento histórico, em 22 de outubro de 573 a.C., de um ano de Jubileu é sustentado pelos historiadores.

Os cronologistas geralmente se sentem à vontade para situar o dia da expiação em 22 de outubro de 573 a.C., e a Grande Páscoa de Josias, em 622 a.C., também é uma data aceita por esses cronologistas bíblicos. A Páscoa, símbolo das festas da primavera, deu início a um ciclo de Jubileu de quarenta e nove anos, que terminou no símbolo das festas do outono, no dia da expiação. As sete semanas de anos que compunham quarenta e nove anos eram os símbolos do sábado da terra.

“Em cada página, seja de história, de preceito ou de profecia, as Escrituras do Antigo Testamento são irradiadas pela glória do Filho de Deus. Na medida em que era de instituição divina, todo o sistema do judaísmo era uma profecia condensada do evangelho. De Cristo “todos os profetas dão testemunho”. Atos 10:43. Desde a promessa dada a Adão, ao longo da linhagem patriarcal e da dispensação legal, a gloriosa luz do Céu tornou claros os passos do Redentor. Videntes contemplaram a Estrela de Belém, o Siló que havia de vir, enquanto as coisas futuras passavam diante deles em misteriosa procissão. Em cada sacrifício era mostrada a morte de Cristo. Em cada nuvem de incenso subia a Sua justiça. Ao som de cada trombeta do jubileu era proclamado o Seu nome. No solene mistério do santo dos santos habitava a Sua glória.” O Desejado de Todas as Nações, 211.

Dezessete

Zedequias fora levado para a Babilônia quando Jerusalém caiu, quatorze anos antes de 573 a.C. Os historiadores judeus identificam o ciclo do Jubileu, de Josias em 622 até 22 de outubro de 573, como o 17º ciclo de Jubileu. O período desde a batalha de Ráfia até a batalha de Pânio foi de dezessete anos. Ptolemeu foi o vencedor na batalha de Ráfia, e reinou como o rei do sul por dezessete anos. Desde o Édito de Milão até Constantino dividir o seu império em 330, decorreram dezessete anos. No décimo sétimo ciclo de Jubileu, Jerusalém foi destruída por Nabucodonosor.

Porque os filhos de Israel ficarão por muitos dias sem rei, e sem príncipe, e sem sacrifício, e sem imagem, e sem éfode, e sem terafins; depois, os filhos de Israel tornarão, e buscarão o Senhor seu Deus, e Davi seu rei; e temerão ao Senhor e à sua bondade nos últimos dias. Oseias 3:4, 5.

Oséias está tratando de um assunto que tem relação direta com o cativeiro de Zedequias, embora também represente o início do cativeiro do reino do norte em 723 a.C. A razão pela qual a passagem de Oséias se relaciona com o testemunho de Ezequiel diz respeito à rejeição de Deus quando Israel insistiu em ter um rei humano. O desejo de Israel de ser governado por um rei humano, em vez de por um Rei Divino, é representado como “a soberba do vosso poder” no juízo de “sete tempos” em Levítico 26.

E, se ainda assim não me ouvirdes, eu vos castigarei sete vezes mais por causa dos vossos pecados. E quebrantarei o orgulho do vosso poder; e farei o vosso céu como ferro, e a vossa terra como bronze. Levítico 26:18, 19.

A “soberba do vosso poder” representa o desejo de Israel de ser como o mundo e de ter o seu próprio rei. A remoção do rei do reino do norte em 723 a.C. e, depois, o cativo do rei Zedequias, do reino do sul, em 586 a.C., representam o quebrantamento da “soberba” do antigo Israel, e a soberba precede a queda. Na profecia bíblica, um “poder” é um rei ou um reino, e a soberba de Israel ao assegurar para si um rei humano assinala a rejeição da teocracia e do Rei divino.

E sucedeu que, quando Samuel já era velho, constituiu seus filhos por juizes sobre Israel. Ora, o nome de seu primogênito era Joel, e o nome do segundo, Abias; e foram juizes em Berseba. Porém seus filhos não andaram em seus caminhos; antes se inclinaram à avareza, aceitaram subornos e perverteram o juízo. Então todos os anciãos de Israel se congregaram, e vieram ter com Samuel, a Ramá, e lhe disseram: Eis que já estás velho, e teus filhos não andam em teus caminhos; constitui-nos, pois, um rei, para que nos julgue, como o têm todas as nações. Porém esta palavra pareceu mal aos olhos de Samuel, quando disseram: Dá-nos um rei, para que nos julgue. Então Samuel orou ao Senhor. E disse o Senhor a Samuel: Ouve a voz do povo em tudo quanto te dizem; porque não te rejeitaram a ti, mas a mim me rejeitaram, para que eu não reine sobre eles. Conforme todas as obras que fizeram desde o dia em que os tirei do Egito até ao dia de hoje, pois me deixaram a mim e serviram a outros deuses, assim também fazem a ti. Agora, pois, ouve a sua voz; porém adverte-os solenemente e mostra-lhes qual será o proceder do rei que houver de reinar sobre eles. 1 Samuel 8:1–9.

Cumprir notar que, naquele momento, Israel rejeitou não somente a Deus como seu rei, mas também o Espírito de Profecia, representado por Samuel; pois está escrito: “a mim me deixaram, e a outros deuses serviram; assim também o fazem a ti.”

“Satanás está... constantemente introduzindo o espúrio — para desviar da verdade. O derradeiro engano de Satanás será tornar sem efeito o testemunho do Espírito de Deus. ‘Não havendo visão, o povo perece’ (Provérbios 29:18). Satanás operará engenhosamente, de diferentes maneiras e por meio de diferentes instrumentos, para abalar a confiança do povo remanescente de Deus no verdadeiro testemunho.

“Haverá um ódio atizado contra os Testemunhos que é satânico. As operações de Satanás terão por objetivo abalar a fé das igrejas neles, por esta razão: Satanás não pode ter um caminho tão desimpedido para introduzir seus enganos e enredar almas em suas ilusões se as advertências, as reprovações e os conselhos do Espírito de Deus forem atendidos.” Mensagens Escolhidas, livro 1, 48.

O último engano para a teocracia do antigo Israel foi uma rejeição não apenas de Deus, mas também do Espírito de Profecia. Essa rejeição, em 1097 a.C., tipifica o último engano do Adventismo Laodiceano do Sétimo Dia em 1863. Os “sete tempos” de Levítico vinte e seis são a Palavra de Deus, e o Espírito de Profecia declara, acerca dos “sete tempos”, que “não deveriam ser alterados”.

“Vi que a carta de 1843 foi dirigida pela mão do Senhor, e que não deveria ser alterada; que os números eram como Ele os queria; que Sua mão estava sobre ela e ocultou um erro em alguns dos números, de modo que ninguém pudesse vê-lo, até que Sua mão fosse removida.”

Primeiros Escritos, 74.

O Espírito de Profecia evidentemente endossou os “sete tempos”, e seu endosso foi uma advertência para que não se alterassem os Algarismos no gráfico, do qual os “sete tempos” constituem a coluna central e o canto superior direito. Com o gráfico falsificado de Uriah Smith, em 1863, deu-se a rejeição progressiva das verdades fundamentais, tipificada pelo antigo Israel em sua rejeição de Deus, e o Espírito de Profecia identificou a rebelião de 1863. A data da rebelião de 1863 harmoniza-se com a linha profética apresentada no livro de Ezequiel. Nessa linha de história, a conclusão foi a destruição de Jerusalém, a qual tipificava a lei dominical. De 1863 até a lei dominical prestes a vir foi tipificado pela história do rei Saul em 1097 a.C. até Zedequias em 586 a.C.

Zedequias foi levado cativo para a Babilônia catorze anos antes do Jubileu de 573 a.C. O décimo sétimo ciclo de Jubileu começou em 622 a.C., e no trigésimo ano Ezequiel é apresentado como sacerdote em 591 a.C.; então, cinco anos depois, Jerusalém foi destruída em 586 a.C. Foi destruída no mesmo dia do ano em que foi destruída pela segunda vez em 70 d.C. por Tito. O versículo um de Ezequiel situa-se cinco anos antes da destruição de Jerusalém e dezenove anos antes da visão do templo no capítulo quarenta.

No vigésimo quinto ano do nosso cativo, no princípio do ano, no décimo dia do mês, no décimo quarto ano depois que a cidade foi ferida, naquele mesmo dia a mão do Senhor estava sobre mim, e me levou para lá. Ezequiel 40:1.

Por desobediência ao pacto do sábado da terra, Deus determinou que “sete tempos” seriam a maldição pela desobediência ao sétimo ano, que é o sábado da terra. “Tempo” é um ano, e um “ano” é trezentos e sessenta dias, e sete vezes trezentos e sessenta são dois mil quinhentos e vinte anos. Os mileritas talvez não tenham empregado a expressão “os vinte e cinco e vinte”, mas ambos os seus quadros sagrados identificavam numericamente os dois mil quinhentos e vinte anos.

A proclamação da maldição de sete tempos sobre tanto o reino do norte de Israel quanto o reino do sul de Judá foi a primeira, ou pode-se dizer a compreensão “fundamental”, ou pode-se até dizer a compreensão “alfa” de William Miller. Em 1863, a igreja adventista do sétimo dia laodiceana rejeitou a compreensão fundamental das descobertas de Miller; “descobertas” que representavam todo o fundamento do movimento milerita. A Inspiração advertiu diretamente que isso poderia acontecer, e aconteceu, e aconteceu há muito tempo.

O fundamento do templo que foi reconstruído após o cativo na Babilônia foi concluído durante a história do primeiro decreto, e antes do segundo decreto. O templo foi plenamente edificado na história do segundo decreto. No terceiro decreto, a soberania nacional foi restaurada ao antigo Israel literal. William Miller representou o primeiro anjo que chegou em 1798 e foi revestido de poder em 11 de agosto de 1840. O segundo anjo chegou depois de lançados os fundamentos, conforme representado pelo gráfico de 1843, que foi publicado em maio de 1842. No primeiro

desapontamento de 1844, o desapontamento alfa de 1844, o segundo anjo e também o tempo de tardança na parábola das virgens chegaram, e quando a mensagem do segundo anjo foi revestida de poder na reunião campal de Exeter, o templo foi concluído. Então, no grande desapontamento de 1844, ou desapontamento ômega, o Mensageiro do Concerto veio subitamente ao Seu templo, em cumprimento dos dois mil e trezentos anos que começaram no terceiro decreto e terminaram na chegada do terceiro anjo.

Josias significa “o fundamento de Deus”. Quer se trate do rei Josias, quer de Josiah Litch, ambos são símbolos dos fundamentos, tal como representados na história do primeiro decreto e tal como representados pelas festas da primavera apresentadas nos primeiros vinte e dois versículos de Levítico vinte e três. Os fundamentos, as festas da primavera e o primeiro decreto são todos símbolos de 1840 e do fortalecimento do primeiro anjo. 22 de outubro de 573 a.C., conforme apresentado em Ezequiel capítulo quarenta, versículo um, é um símbolo de 22 de outubro de 1844 e da abertura do juízo dos mortos, e também um símbolo de 11 de setembro de 2001, na abertura do juízo dos vivos. Quaisquer que tenham acompanhado estes artigos devem conhecer as aplicações que estou empregando.

Ezequiel é um símbolo dentro da história profética representada em seus escritos. Ezequiel está presente quando os vinte e cinco homens se inclinam diante do sol no fim do capítulo oito. Ele também estava presente nos capítulos seguintes, quando “o selamento que é seguido pela matança” é trazido sobre Jerusalém, a qual Ellen White identifica como a Igreja Adventista do Sétimo Dia. Nos primeiros onze capítulos, Ezequiel é levado ao santuário celestial para receber suas instruções, assim como os mileritas foram chamados a fazer em 1844, e como este movimento está sendo agora chamado a fazer.

Assim vos servirá Ezequiel de sinal; conforme tudo quanto ele fez, fareis vós; e, quando isto vier, sabereis que eu sou o Senhor Deus. Ezequiel 24:24.

Quando Isto Vier

Quando chegarmos ao ponto, nos últimos dias, em que as coisas que Ezequiel ilustrou se estejam repetindo no povo de Deus, então teremos chegado ao sinal de Ezequiel. Quando souberdes que Ezequiel representa os cento e quarenta e quatro mil, e o souberdes em tal grau de fé e entendimento que possua a expectativa santificada de que tudo quanto foi ilustrado por Ezequiel em seus escritos tipifica uma sequência sagrada de acontecimentos nos últimos dias envolvendo os cento e quarenta e quatro mil — quando souberdes isso, então “sabereis” que “o Senhor” é “Deus”.

Continuaremos estes pensamentos no próximo artigo.